



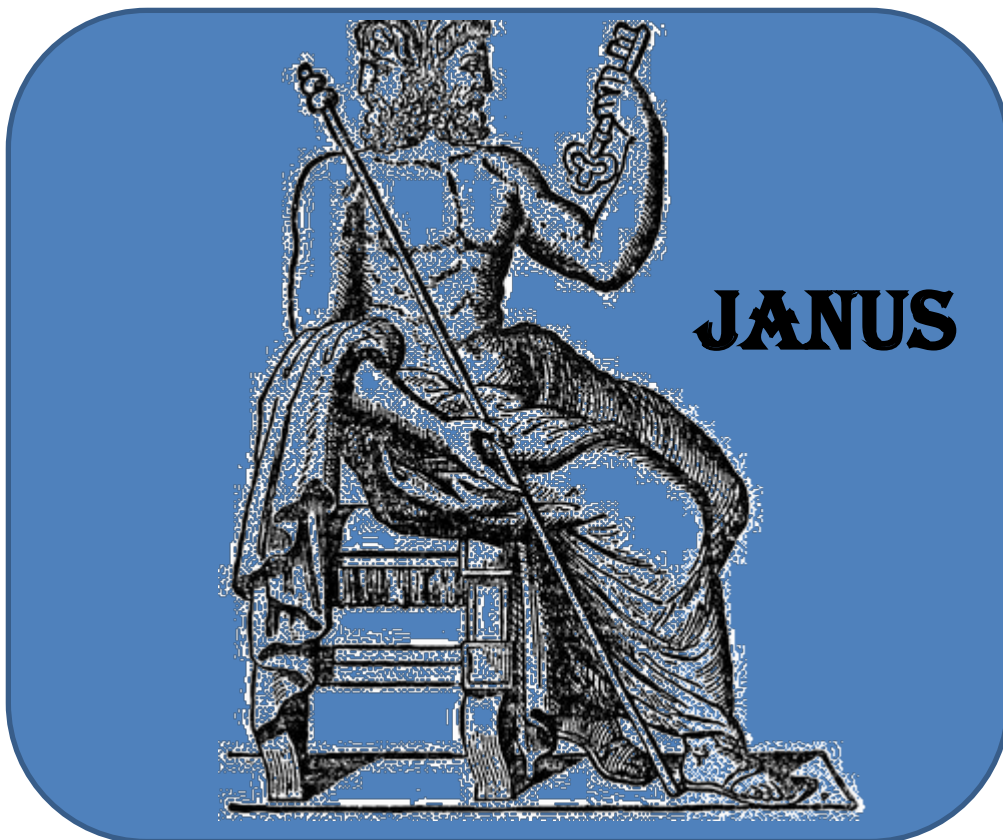
Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

BOLETIM INFORMATIVO

Ano 79 - Nº 34 – JULHO/AGOSTO 2025



O CFM adotou, para a edição em 2009, do Código de Ética Médica, Janus, o deus romano conhecido por sua representação com duas faces, uma olhando para o passado e outra para o futuro. para simbolizar a união do passado, presente e futuro na prática médica.

***Editorial Curiosidades Históricas Artigos em Destaque
Notas Avulsas Memórias da Medicina de Pernambuco
Invenções e descobertas que revolucionaram a Medicina
Acervo Do Museu Da Medicina De Pernambuco
Personagens que fizeram história
Fatos e feitos que moldaram nossa história
Aniversariantes Datas Comemorativas Os Jovens na Medicina***



José Luiz de Lima Filho Presidente do IPHM, Vice Presidente da APM

Editorial

A ÉTICA QUE NÃO PODE MORRER

O exercício da Medicina compreende não somente conhecimento técnico mas sobretudo atitude ética.

O Brasil acompanha com perplexidade casos envolvendo médicos que ironizaram a morte de pacientes e, em episódios ainda mais graves, festejaram assassinatos.

Tais condutas não são apenas imorais; são profundamente incompatíveis com a essência da profissão médica, construída sobre o compromisso de preservar vidas, aliviar sofrimentos e respeitar a dignidade humana em todas as circunstâncias.

A sociedade confia na medicina porque a enxerga como espaço de cuidado, técnica e empatia.

Quando um médico zomba de uma morte, o pacto de confiança é abalado. Quando celebra um assassinato, esse pacto é dilacerado.

O jaleco branco, símbolo de responsabilidade e esperança, não pode ser manchado por atitudes que banalizam a tragédia humana e transformam dor em espetáculo.

É necessário compreender que a medicina não se resume a diagnósticos e procedimentos.

O profissional que reduz o paciente a uma estatística ou a um objeto de chacota desumaniza sua própria atuação. E, ao fazer isso, atinge não somente a vítima direta, mas também a imagem coletiva de uma categoria que, em sua maioria, trabalha com dedicação e respeito.

A recorrência desses episódios indica falhas que vão além da esfera individual.

Há um problema estrutural na formação médica, que muitas vezes privilegia somente

a excelência técnica, deixando em segundo plano o desenvolvimento humano e ético.

O resultado é a criação de profissionais competentes em protocolos clínicos, mas incapazes de lidar com a vulnerabilidade alheia, com a sensibilidade necessária.

É urgente que as faculdades de medicina, revisem seus currículos, incorporando efetivamente disciplinas de ética, bioética e humanidades.

A reflexão sobre a morte, a compaixão diante da dor e a responsabilidade social do médico precisam ser debatidas desde o início da formação. Somente assim será possível reduzir a distância entre o saber científico e a dimensão humana do cuidado.

Paralelamente, os conselhos de classe têm a obrigação de agir com rigor. A sociedade não pode aceitar que profissionais que violam de forma tão explícita os princípios fundamentais da medicina continuem atuando impunemente. Punições exemplares são necessárias não por desejo de vingança, mas para reafirmar que a ética é inegociável e que se desviar dela tem consequências.

Também cabe à sociedade manter vigilância. Médicos não estão acima do bem e do mal. A confiança que recebem é valiosa demais para ser entregue sem responsabilidade. Exigir transparência, investigar condutas e cobrar respostas das instituições faz parte do fortalecimento da saúde pública e do respeito à vida.

A imensa maioria dos médicos honra o juramento que fez. Mas, para protegê-los e para preservar a imagem da medicina, é essencial que os que mancham a profissão, sejam responsabilizados.

Ironizar a morte ou festejar assassinatos não é liberdade de expressão: é afronta ao próprio sentido da medicina.



Seção I - Curiosidades Históricas

Antonio Peregrino

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Primórdios do exame de urina - a Uroscopia

Registros sumérios de análise de urina já foram encontrados em tábuas de argila gravadas há cerca de 4.000 anos antes de Cristo.

Também existem relatos em sânscrito (100 A.C.) com a catalogação de pelo menos 20 tipos diferentes de urina e, na Índia Antiga, a medicina já descrevia que formigas se aglutinavam junto às urinas que possuíam sabor doce o que permitia diagnóstico de diabetes mellitus.

À falta de métodos mais precisos, a inspeção visual da urina, chamada de uroscopia, teve valor diagnóstico de tanta magnitude que médicos da Idade Média a exerciam como se fora uma arte “quase mágica”.

Há relato de que alguns deles trajavam longas vestes e seguravam um vaso de vidro com a urina dentro para, junto ao paciente, emitir seu diagnóstico e prognóstico de forma ostentosa

. Há relato de que alguns médicos se propunham a diagnosticar doenças apenas inspecionando a urina, sem precisar sequer atender o paciente.



Médico praticando a uroscopia, tela sobre óleo de 1653 (Gerrit Dou - 1613-1675)

Houve exageros a ponto de a uroscopia ter sido usada para ler a sorte e prever o futuro.

Presentemente, com métodos muito mais aprimorados, a urinálise (também chamada de exame sumário de urina) mantém-se como exame complementar de importância na prática clínica com avaliações que

vão desde a inspeção - de volume, cor, cheiro e pH - até a descrição de seus conteúdos - leucócitos, uratos, cálcio, nitritos, bactérias etc. - propiciando hipóteses diagnósticas tais como alterações renais, tumores, infecções, diabetes etc.

O fisiologista J.A. Armstrong destacava que o exame de urina constitui o início da medicina laboratorial moderna.

Seção II - Notas Avulsas

PALESTRA DA DRA MARGARETH DALCOLMO



PALESTRA MENSAL
Medicina da Pessoa Ciência e Arte.
Abstração e Razão



PALESTRANTE:
Dra. Margareth Dalcolmo
Médica-Pneumologista
Doutora em Medicina pela
Universidade Federal de São Paulo
(Unifesp)

Data: 30.07
Horário: 09h
**Local: Ampe - Rua
Oswaldo cruz, 393, Boa
Vista**



A fala da Dra. Margareth: Precisa, concisa e incisiva.

Sua voz mansa e firme, emitindo a palavra medida e acolhedora, em tempos caóticos mostrados pelos meios de comunicação foi a acalmia ansiada.

Tivemos o privilégio de tê-la aqui conosco no Pernambuco que ela adora.

Foi um Dia de Graças pra todos os presentes.

A Academia Pernambucana de Medicina interpretando a emoção de agradecimento dos presentes, por aclamação, elegeu-a Acadêmica Honorária.



Seção III - Invenções & Descobertas que revolucionaram a Medicina

Filipe Prohaska

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Sidney Farber e a Revolução no Tratamento das Leucemias

O século XX marcou um divisor de águas no tratamento do câncer, especialmente das leucemias infantis. Entre os protagonistas dessa transformação, destaca-se o patologista Sidney Farber, do Hospital Infantil de Boston. Sua ousadia científica e sua visão humanista inauguraram uma nova era para a hematologia e a oncologia.

Formado como patologista, Farber passou anos examinando lâminas e hemogramas. Observava, dia após dia, a progressão inexorável da leucemia aguda em crianças. Em vez de se limitar ao diagnóstico, ele começou a enxergar no hemograma uma ferramenta para acompanhar respostas terapêuticas — um olhar inédito para a época.

Sem apoio institucional, Farber improvisou um pequeno laboratório no porão do hospital. Foi ali que testou, pela primeira vez, antagonistas do ácido fólico em crianças com leucemia. Os resultados surpreenderam: houve regressão parcial dos blastos no sangue e melhora clínica temporária. Pela primeira vez, provava-se que a leucemia podia ser modificada por medicamentos.

O impacto foi imediato. O modesto laboratório cresceu e se tornou a Children's Cancer Research Foundation, hoje conhecido como Dana-Farber Cancer Institute, referência mundial em oncologia. Mais do que criar um centro de excelência, Farber inaugurou uma nova mentalidade: o câncer podia ser estudado, enfrentado e, em muitos casos, controlado.

Seu grupo demonstrou também que o metotrexato era eficaz contra o corioepitelioma metastático — até então sempre fatal. Foi a primeira vez que um tumor sólido foi curado com quimioterapia. Esse feito abriu caminho para a aplicação de protocolos em outros tumores pediátricos e consolidou o conceito de poliquimioterapia, em que diferentes drogas são associadas para vencer resistências.



Protocolos como o VAMP transformaram a leucemia linfoblástica aguda de sentença de morte em doença passível de cura. Com o tempo, essa lógica se expandiu: cirurgia, radioterapia e quimioterapia passaram a ser pensadas de forma integrada, originando o conceito de tratamento multimodal.

O legado de Farber vai além da técnica. Ao unir pesquisa laboratorial, prática clínica rigorosa e defesa incansável do financiamento em ciência, ele forjou o modelo moderno do médico-cientista.

Das experiências iniciadas em um porão nasceram ideias que prepararam o terreno para avanços atuais, como a imunoterapia e a terapia celular.

Sidney Farber demonstrou que, diante do “imperador de todos os males”, a medicina não deveria se resignar. Pelo contrário: deveria ousar, pesquisar e acreditar na possibilidade de cura.

(Texto com revisão de conteúdo pelo Chat Gpt)



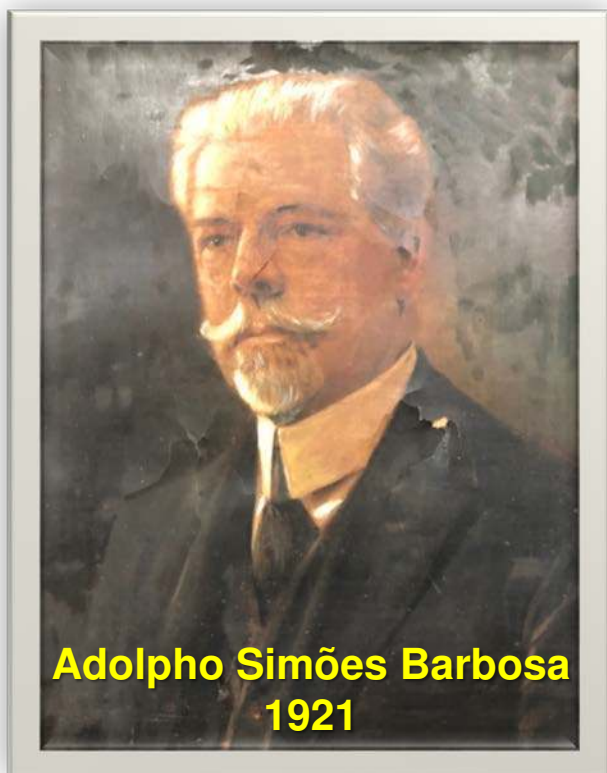
Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

ACERVO DO MUSEU DA MEDICINA DE PERNAMBUCO

Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina

COLEÇÃO DE PINTURAS



Adolpho Simões Barbosa
1921

Óleo sobre tela com processo fotográfico datado de 1921 de autoria do renomado fotógrafo e pintor Louis Piereck, que tinha no Recife famoso stúdio de fotografias



Armínio do Lador Mota
1955

Pintura a óleo sobre tela com dimensões de 65 x 54 cm de autoria de Baltazar da Câmara

Adolpho foi Sócio Honorário do IPHM, título concedido em 1950 e patrono da cadeira 12 da Academia Pernambucana de Medicina. Nasceu em 1860, em Ipojuca – Pernambuco. Graduou-se em Medicina em 1883, no Rio de Janeiro, versando sua tese sobre “Hygiene da primeira infância”. Retornou a Pernambuco onde exerceu atividades no Hospital Português e no Hospital Pedro II.

O Prof. Lador Mota foi um eminente médico pernambucano dedicado à urologia tornando-se catedrático desta especialidade na Faculdade de Medicina do Recife (FMR) em 1950. No Hospital Pedro II, sua enfermaria - denominada de São Tomás - localizava-se no segundo andar do prédio. Em 1962 foi agraciado com o título de Professor Emérito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Apesar da não haver dados documentais, conta-se que a pintura foi solicitada ao pintor pernambucano Baltazar da Câmara pelo sociólogo Gilberto Freyre que queria homenagear 15 personalidades pernambucanas. Lador foi um dos escolhidos.



Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

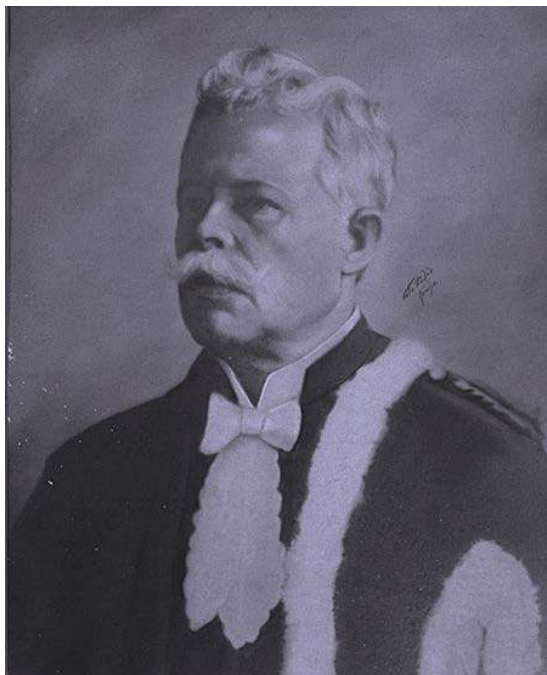
PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Eduardo Lins Paixão Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

DR. ALFREDO FELIPE DA COSTA: “MÉDICO OPERADOR”

Nascido no Recife em 1869, **Alfredo Felipe da Costa** formou-se doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1894.

De volta à sua cidade natal, iniciou a carreira como médico vacinador da Superintendência de Higiene do Recife, ascendendo rapidamente a funções de maior responsabilidade. Por duas vezes exerceu o cargo de Diretor da Assistência Pública, participando ativamente da condução das políticas de saúde do município.



Dr. Alfredo Felipe da Costa

Sua trajetória hospitalar projetou-o como um dos cirurgiões mais respeitados da capital pernambucana. Atuou como médico adjunto e, posteriormente, chefe da clínica cirúrgica do Hospital Pedro II; no Hospital Português, desempenhou igual função e chegou à direção. Era frequentemente citado na imprensa e em memórias de época como “médico operador”, expressão então utilizada para designar os cirurgiões, reconhecimento que consolidou sua reputação como clínico e operador de referência nas primeiras décadas do século XX.

Na virada do século XX, **Alfredo da Costa** esteve entre os médicos que participaram ativamente da criação da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose, fundada pelo Dr. Octávio de Freitas, juntamente com Simões Barbosa, Costa Ribeiro, Ascânio Peixoto e representantes do setor econômico do Estado..

A Liga inaugurou, em 1904, na Rua Gervásio Pires (Boa Vista, Recife), o primeiro dispensário modelo do Brasil, local onde enfermos tinham acesso a atendimento médico, medicamentos e orientações higiênico-dietéticas essenciais ao tratamento

Em 1912, presidiu a Sociedade de Medicina de Pernambuco, entidade central na consolidação da classe médica local. Dois anos depois, em 1914, assumiu a direção do recém-criado hospital,

o “**Serviço Municipal de Socorros de Urgência**”, considerado o primeiro Pronto-Socorro do Recife. Instalado para atender doentes súbitos, acidentados e feridos em situações emergenciais, o serviço representou um marco na organização da medicina de urgência no município

Inovador para a época, dispunha de ambulâncias automóveis, que substituíam as antigas viaturas puxadas por animais, e oferecia atendimento rápido e especializado à população.

À frente desse serviço pioneiro, **Alfredo da Costa** desempenhou papel fundamental na estruturação da assistência de urgência urbana.

Naquele período, governava Pernambuco o marechal Emídio Dantas Barreto, militar de carreira e veterano da Guerra do Paraguai. O secretário de Saúde era o também médico Manoel Antônio Pereira de Gouveia de Barros.

Continua



Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Eduardo Lins Paixão Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

DR. ALFREDO FELIPE DA COSTA: “MÉDICO OPERADOR”



Grupo de médicos e autoridades diante do carro-ambulância, possivelmente durante a instalação do Serviço Municipal de Socorros de Urgência na cidade do Recife,

Com a criação da Faculdade de Medicina do Recife, **Alfredo da Costa** participou desde as primeiras reuniões da Congregação, em 1915, sendo designado para a cadeira de Medicina Operatória.

Contudo, a escola só seria criada em definitivo em 1920, sob a coordenação do Dr. Octávio de Freitas

Naquele ano, após a reestruturação das cátedras, foi confirmado como catedrático de Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações.

Esse período, entretanto, foi marcado por divergências internas entre os professores, de modo que suas aulas só tiveram início efetivo em 1924. Em 1931, solicitou aposentadoria e, poucos meses depois, veio a falecer em abril de 1932.

Como parte do núcleo fundador da Faculdade de Medicina do Recife e diretor do primeiro Pronto-Socorro da cidade, deixou um legado inscrito na história da medicina pernambucana, contribuindo de forma decisiva para as bases do ensino médico, da prática cirúrgica e da organização dos serviços de saúde urbana, num período de profundas transformações sociais e institucionais

A trajetória de Alfredo Felipe da Costa sintetiza a figura do médico de sua época: profissional de intensa prática hospitalar, líder associativo e professor universitário.



Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

FATOS E FEITOS QUE MOLDARAM NOSSA HISTÓRIA

Bernardo Sabat - Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina,
Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina

A Ciência a Serviço da Liberdade: A Contribuição da Medicina Pernambucana na Revolução de 1817

A Revolução Pernambucana de 1817 permanece como um dos eventos mais radicais e significativos do período colonial tardio no Brasil. Marcada por seu caráter republicano, anticolonial e abolicionista, a insurreição eclodiu em um Pernambuco fervilhando com ideias iluministas, disseminadas por sociedades maçônicas e literárias, das quais a elite intelectual e profissional da capitania participava ativamente. Neste contexto, a classe médica – formada por doutores formados em universidades europeias e cirurgiões aprovados – não foi mera espectadora.



O caso mais emblemático é o do **Dr. José Luís de Mendonça**. Formado em Medicina na Universidade de Edimburgo, na Escócia, um dos centros do Iluminismo europeu, Foi eleito membro do Governo Provisório Republicano, ocupando a pasta responsável pela Fazenda e, posteriormente, pela Guerra. Sua nomeação para um cargo de tamanha responsabilidade evidencia a confiança que a liderança revolucionária depositava em sua inteligência e caráter. Mais do que um médico no governo, Mendonça era um governante que era médico, simbolizando a fusão entre o conhecimento científico e a administração pública revolucionária.

O Cenário Ideológico e a Classe Médica

O final do século XVIII e o início do XIX foram pródigos em transformações. As ideias de liberdade, fraternidade e progresso, emanadas do Iluminismo e da Revolução Francesa, encontraram solo fértil em Recife e Olinda. Médicos e cirurgiões, por sua formação necessariamente erudita e frequentemente internacional, estavam entre os mais bem informados e conectados com as correntes de pensamento modernas. Eles não eram apenas técnicos do corpo, mas intelectuais que debatiam política, economia e filosofia natural. Sua presença em associações como o Areópago de Itambé, fundado pelo padre e cientista Arruda Câmara, é testemunho deste engajamento.

Médicos na Vanguarda do movimento

A contribuição da medicina pernambucana à Revolução começou muito antes do primeiro tiro. Vários profissionais integraram a elite dirigente do movimento, participando de reuniões secretas e ajudando a estruturar o projeto de governo republicano.

No Front: O Atendimento aos Feridos

Com a reação das forças leais à Coroa Portuguesa, lideradas pelo Marechal Gomes Calado, a Revolução degenerou em confrontos armados, culminando no cerco ao Recife. Foi nos campos de batalha e nas enfermarias improvisadas que a contribuição dos cirurgiões se tornou mais visceral e crítica.

Continua



Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

FATOS E FEITOS QUE MOLDARAM NOSSA HISTÓRIA

Bernardo Sabat - Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina,
Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina

A Ciência a Serviço da Liberdade: A Contribuição da Medicina Pernambucana na Revolução de 1817

Trabalhando com instrumentos rudimentares e sem anestésicos modernos, sua arte era brutalmente pragmática: salvar vidas em condições extremas, realizando amputações e outros procedimentos urgentes. Eles representavam a face mais humana e corajosa da medicina em um momento de caos e violência.

O Preço do Idealismo: Repressão e Exílio

A queda do Recife, em 20 de maio de 1817, deu início a uma violenta repressão por parte do governo de D. João VI. Como membros proeminentes do movimento, os médicos e cirurgiões revolucionários pagaram um alto preço por seu idealismo.



O Dr. **José Luís de Mendonça** foi preso, processado e condenado à forca. Sua execução, ocorrida no Forte do Mar em Salvador no dia 12 de junho de 1817, tornou-o um mártir da ciência e da liberdade. Suas últimas palavras, narradas por testemunhas, foram de coragem e firmeza de princípios.

A Revolução Pernambucana de 1817 não foi feita apenas por militares, padres e comerciantes. Foi um movimento plural, que encontrou na medicina pernambucana alguns de seus seus mais ilustres, dedicados e sacrificados quadros. : Fundarpe, 1985.

Os médicos e cirurgiões de 1817 ofereceram ao movimento muito mais que seus serviços técnicos; ofereceram sua liderança intelectual, sua capacidade organizativa e, ultimate, suas próprias vidas.

Revisitar suas histórias é fundamental para compreendermos a complexidade do processo de formação nacional e o papel que os profissionais de saúde sempre desempenharam na defesa de ideais maiores de justiça, progresso e soberania.

Eles são, portanto, dignos de não apenas constarem nos anais da história da medicina, mas de serem celebrados como heróis civis que honraram sua profissão em seu mais amplo e nobre sentido: o de cuidar e lutar pela vida e pela liberdade.

Referências Bibliográficas:

MELLO, Evaldo Cabral de. **A Outra independência: O federalismo pernambucano de 1817 a 1824**. São Paulo: Editora 34, 2004.

A Loucura de Deus: Padre Roma, da Revolução Francesa à Revolução Pernambucana de 1817. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PESSOA, Ana Paula Vosne Martins. **A Medicina Pernambucana no Século XIX: Entre a tradição e a modernidade**. Recife: Editora UFPE, 2008.

Autos da Devassa da Revolução de 1817. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

DUNNING, Robert. **A Revolução de 1817**. Recife



Antonio Peregrino

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Seção V – Artigo em Destaque

Salvem o Memorial da Medicina de Pernambuco

No longínquo 21 de abril de 1927, inaugurava-se em Pernambuco a edificação no bairro recifense do Derby denominada atualmente de Memorial da Medicina de Pernambuco.



A então criada faculdade, funcionou regularmente no Derby até o ano de 1958 quando da criação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A majestosa obra limita-se no lado esquerdo de quem a olha de frente com nosso consagrado Rio Capibaribe e foi desenhada com particular esmero pelo arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo.

Representa o sonho da criação do primeiro curso médico em nosso Estado idealizado por doutor Octávio de Freitas, um piauiense residente e encantado pelas nossas plagas, formado em Medicina com ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia e conclusão no Rio de Janeiro em 1893.

Sua utopia e uma descomedida garra levaram-no a conseguir o terreno no Derby, doado pelo então Governador do Estado de Pernambuco, Sérgio Loreto, e, tão logo recebeu aquele chão, com igual valentia, mandou erguer a edificação com empréstimos bancários que fez em seu próprio nome.

No dia da inauguração do prédio, promoveu uma pomposa cerimônia de formatura da segunda turma de médicos em nosso Estado estabelecendo-se oficialmente a Faculdade de Medicina do Recife (FMR): uma construção em estilo neoclássico representando o suntuoso marco do ensino de médico no Estado de Pernambuco.

Anteriormente, e igualmente sob a direção de ensino de Octávio de Freitas, já havia sido graduada uma primeira turma: seis alunos concluíram o curso em 31 de dezembro de 1925 estudando em modestas e interinas instalações em salas de velhos prédios do bairro da Boa Vista. Mas o prédio do Derby formalizava a casa de formação de médicos em Pernambuco.

Naquela ocasião, professores e construção (acervo humano e físico) foram incorporados ao Governo Federal e o curso médico foi deslocado para a Cidade Universitária no bairro recifense da Várzea.

O prédio da FMR passou a ser usado pelo Colégio Militar do Recife e, posteriormente, pela Comissão de Vestibular e Processos Seletivos da UFPE (Covest). Mas retornou às suas origens de Casa, talvez melhor, de Templo da Medicina de Pernambuco, quando há mais de 40 anos passou a abrigar, com o nome de Memorial da Medicina de Pernambuco grandes entidades médicas do nosso Estado: Academia Pernambucana de Medicina; Instituto Pernambucano de História da Medicina; Museu da Medicina de Pernambuco; Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina do Recife; Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Regional Pernambuco e o Instituto de Pesquisas e Estudos da Terceira Idade.

É com lamentação que a Medicina pernambucana constata que, à falta de cuidados de manutenção pelo proprietário federal, através da sua UFPE, o Memorial da Medicina está em ruínas, interditado para uso, gritando por urgentes atenções para sua restauração e retorno das instituições médicas que ratificam se tratar do local onde a medicina pernambucana é iniciada e de onde emana sua história e cultura.

Prédio interditado, tapumes do lado de fora, instalações internas deteriorando, umidade e fungos. A história médica clama por respeito e ações!



Seção V – Artigo em Destaque

Raul Manhães de Castro – Professor Emérito da UFPE e membro do IPHM

Onde a Mente se Fez Casa e o Cérebro Pátria: Epopéia Inacabada da Neurociência em Pernambuco

A história da neurociência em Pernambuco nasceu do gesto inaugural de **José Correia Picanço**, que partiu de Goiana para Paris e de lá trouxe a semente da medicina brasileira, e encontrou sua face mais humana em **Ulysses Pernambucano**, que soube ver no doente mental não apenas a doença, mas um espelho



Em 1994, o sonho ganhou corpo acadêmico no **Mestrado em Neuropsiquiatria da UFPE**, criado por **Gilson Edmar** e **Everton Sougey**, e ampliado com **Rubem Guedes**, memória da neurociência experimental, **Naíde Teodósio**, que uniu ciência e nutrição, e **João Ricardo Mendes de Oliveira**,

. No **Hospital da Tamarineira**, ergueu-se uma escola feita de silêncio e de escuta, onde o delírio encontrou cuidado antes que a farmacologia promettesse cura.

Dessa raiz brotaram gerações. A primeira, nomeada por **Walmor Piccinini**, traz **Ulysses** e companheiros de jornada como **Vicente, Gildo, Arnaldo, Lucena, Mariz, Jarbas** e **Galdino**, cujas ideias frutificaram. A segunda despontou com **Lucena** e **Othon Bastos**, seguidos de **Everton Sougey, Gilson Edmar, Marcelo Valença** e **Hildo Azedo**, que não repetiram, mas expandiram o caminho.

A neurologia, antes sombra da psiquiatria, ganhou destino com **Jarbas Pernambucano**, que abriu espaço para **José Alberto Maia, Luiz Ataíde, Alcides Codeceira Júnior** e **Wilson Farias**, firmando o entendimento de que desvendar o cérebro é também compreender o humano.

De suas margens nasceram ramos: a neurocirurgia com **Manoel Caetano de Barros**, a neuropediatria com **José Grinberg**, a liquorologia com **Alcides Benício**, a eletroencefalografia com **Salustiano Gomes Lins** e **Arnaldo Di Lascio**, a neuropatologia com **Guilherme Abath** e a neurorradiologia com **Glerystane Holanda**.



que trouxe o LIKA para o campo da neurociência.

O programa se fez doutorado, fez-se ponte entre gerações.

Hoje, a chama se renova em nomes como **Antônio Peregrino**, presidente da Academia Pernambucana de Medicina, que herda o legado para abri-lo ao tempo; em **Marcelo Valença**, que constrói pontes entre bisturi e afeto; em **Hildo Azevedo**, cuja neurocirurgia ecoa no mundo; em **Pedro Sampaio**, que ilumina os caminhos da cefaleia com serenidade. Também em **Alex Caetano**, herdeiro silencioso de **Manoel Caetano**, e nas pesquisadoras **Sandra Lopes de Souza**, que fez da nutrição voz da plasticidade fenotípica, e **Ana Elisa Toscano Meneses da Silva Castro**, fisioterapeuta, docente e ex-coordenadora, que soube transformar orientação em referência e pesquisa em diálogo.

O relato é incompleto, como toda memória. Mas o que começou com **Picanço**, floresceu com **Ulysses**, multiplicou-se em escolas, hospitais e programas, e hoje pulsa nas mãos e mentes de tantos, é mais que história: é uma **epopeia inacabada**, rio que segue



Seção VI – Os Jovens na Medicina

Adla Mirelly Santos da Silva

(1º período-Medicina) Faculdade de Ciências Médicas UPE

"COMO A TECNOLOGIA ESTÁ MUDANDO A FORMAÇÃO MÉDICA?"

O aplicativo Anki, nos "smartphones" é usado de forma assídua por estudantes de Medicina em todo o país.



A medicina exige atualização constante, e saber integrar os recursos digitais ao estudo é parte essencial para nos tornarmos profissionais completos!

A proposta é simples: organizar miniquestões direcionadas ao erro pontual do estudante, para depois praticar a recuperação ativa e espaçada da memória.

Na prática, é como ter um professor particular no bolso, sempre lembrando onde você costuma tropeçar.

O curioso é que muitos já utilizam o Anki desde o vestibular, criando quase uma relação de fidelidade (quase um casamento 🧑🏻‍❤️‍🧑🏻).

Esse exemplo mostra como as novas tecnologias impactam diretamente os métodos de estudo.

Como bem disse o educador José Pacheco, “a educação brasileira é ultrapassada uma vez que não atende às necessidades atuais”.

Desde 1988 — ano em que a internet chegou ao Brasil e, curiosamente, também ano da criação do SUS (informação aleatória legal 😊) — pouco mudou nos métodos de ensino.

É aí que entra a disrupção (ou, como encontrei no primeiro dicionário do Google: “ruptura de um padrão estabelecido por meio de uma tecnologia mais prática”).

Essa quebra mostra o contraste entre o estudo passivo tradicional e os novos recursos digitais.

Ferramentas como o Anki oferecem a sensação de que estamos de fato formando profissionais mais preparados (seja lá o que isso signifique,

já que “bom profissional” é aquele que consegue cuidar bem do seu paciente).

No entanto, existe um entrave: a educação brasileira não discute o uso das tecnologias desde cedo. O filósofo inglês Francis Bacon já dizia: “Conhecimento é poder”.

Mas, no Brasil, muitos estudantes permanecem sem acesso ou orientação sobre ferramentas digitais, retornando sempre aos métodos tradicionais: quadro, aula expositiva e leitura repetitiva.

Forma-se, assim, um ciclo de alto acesso, pouca inovação: em 2023, 88% da população brasileira tinha internet, segundo o IBGE, mas a qualidade do aprendizado continuava baixa.

Sabemos que “As novas tecnologias abriram portas para novas interações”, mas também para manipulação e alienação — o que se confirma quando essas ferramentas não são usados para o aprendizado.

Portanto, percebe-se a urgência de incentivar os estudantes a conhecerem e explorarem ferramentas digitais.

Se não cabe apenas ao governo criar políticas públicas de incentivo, cabe a nós, estudantes, sermos protagonistas dessa mudança.

Afinal, já não faz sentido formar médicos do século XXI com métodos do século XIX.

Assim, acredito que quanto mais cedo aprendermos a usar essas tecnologias, mais leve e eficiente será nossa formação.

Seção VI

PARABÉNS AOS ANIVERSARIANTES

Sérgio Tavares Montenegro – 01/07

Cláudio Renato Pina Moreira – 04/07

Luiz Carlos Oliveira Diniz – 27/07

Edite Rocha Cordeiro – 29/08

DATAS COMEMORATIVAS DA SAÚDE

JULHO

Julho Amarelo – Mês de luta contra as hepatites virais.
 01 – Dia da Vacina BCG
 02 – Dia do Hospital. 06 – Dia Mundial das Zoonoses
 09 – Dia Nacional de Alerta Contra a Insuficiência Cardíaca
 10 – Dia da Saúde Ocular
 13 – Dia do Estatuto da Criança e do Adolescente
 22 – Dia Mundial do Cérebro
 25 – Aniversário do Ministério da Saúde
 25 – Dia Mundial de Prevenção do Afogamento
 27 – Dia Nacional da Prevenção de Acidentes do Trabalho
 27 – Dia Mundial do Câncer de Cabeça e Pescoço
 28 – Dia Mundial da Hepatite

AGOSTO

Mês do Aleitamento Materno no Brasil.
 01 a 07 – Semana Mundial do Aleitamento Materno
 01 – Dia Nacional dos Portadores de Vitiligo.
 05 – Dia Nacional da Saúde.
 05 – Dia Nacional da Vigilância Sanitária.
 05 – Dia Nacional da Farmácia
 05 – Dia do Nascimento de Oswaldo Cruz
 08 – Dia Nacional de Prevenção e Controle do Colesterol
 09 – Dia Internacional dos Povos Indígenas do Mundo
 09 – Dia Nacional da Equoterapia.
 Semana do dia 10 – Semana Nacional de Controle e Combate à Leishmaniose.
 20 – Dia Mundial do Mosquito
 21 a 27 – Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla.
 26 – Dia do Nascimento de Albert Sabin
 27 – Dia do Psicólogo
 28 – Dia Nacional de Combate e Prevenção ao Escalpelamento.
 29 – Dia Nacional de Combate ao Fumo
 30 – Dia Nacional de Conscientização Sobre a Esclerose Múltipla.
 31 – Dia do Nutricionista

Referência: <https://www.calendarr.com/brasil/> e <https://bvsms.saude.gov.br/datas-da-saude/>

Sicredi Recife. A cada dia mais próxima de você.



Venha visitar uma de nossas agências e conheça **nossos produtos**.

Crédito | Poupança
 Investimento | Cartões
 Conta-corrente | Consórcios

[Clique aqui e confira.](#)

Abra
a sua
conta.

 **Sicredi**

☎ 2101.6161 | @sicredirecife



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

Fundação: 25 de Agosto de 1946

Diretoria

Presidente: José Luiz de Lima Filho
Presidente Emérito: Miguel Doherty
Vice-Presidente: Sílvio da Silva Caldas Neto
Primeiro-Secretário: Luiz de Gonzaga Braga Barreto
Segundo-Secretário: Renato Dornelas Câmara
Tesoureiro: João de Melo Régis Filho

Conselho Fiscal

Ester Azoubel Sales e Luiz de Gonzaga
Braga Barreto

Grupo de WhatsApp “História da Medicina”, Administradores:

Marcelo Moraes Valença
Márcio Allain Teixeira

Correspondência:

Memorial da Medicina, Rua Amaury de
Medeiros, 206, Derby, 52010-120, Recife

SÓCIOS TITULARES

1. Amaury de Siqueira Medeiros / 2. Ananília Finizola de Vasconcelos / 3. Antonio Lopes de Miranda / 4. Antonio Medeiros Peregrino da Silva / 5. Aurélio Molina da Costa / 6. Bento José Bezerra Neto / 7. Bernardo David Sabat / 8. Carlos Alberto Cunha Miranda / 9. Cláudia Beatriz Câmara de Andrade / 10. Cláudio Renato Pina Moreira / 11. Dagoberto de Carvalho Júnior / 12. Djalma Agripino de Melo Filho / 13. Edite Rocha Cordeiro / 14. Eduardo Lins Paixão / 15. Eleny Silveira / 16. Eni Maria Ribeiro Teixeira / 17. Esther Azoubel Sales / 18. Fernando José Soares de Azevedo / 19. Fernando Pinto Pessoa / 20. Filipe Prohaska Batista / 21. Gilda Kelner / 22. Gilson Edmar Gonçalves e Silva / 23. Gisélia Alves Pontes da Silva / 24. Helena Maria Carneiro Leão / 25. Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho / 26. João de Melo Régis Filho / 27. José Benjamim Gomes / 28. José Guido Corrêa de Araújo / 29. José Luiz de Lima Filho / 30. Luiz Carlos Oliveira Diniz / 31. Luiz de Gonzaga Braga Barreto / 32. Marcelo Moraes Valença / 33. Márcio Diniz Allain Teixeira / 34. Maria de Fátima Militão de Albuquerque / 35. Maurício José Matos e Silva / 36. Meraldo Zisman / 37. Miguel John Zumaeta Doherty / 38. Moacir de Novaes Lima Ferreira / 39. Olival Cirilo Lucena da Fonseca / 40. Paulo Fernando Barreto Campelo de Melo / 41. Paulo José Carnevalheira de Mendonça / 42. Raul Manhães de Castro / 43. Renato Dornelas Câmara Neto / 44. Ricardo de Carvalho Lima / 45. Romero Caldas Pereira de Carvalho / 46. Saulo Gorenstein / 47. Sérgio Tavares Montenegro / 48. Sílvio da Silva Caldas Neto / 49. Sirleide de Oliveira Costa Lira / 50. Theóphilo José de Freitas Neto / 51. Vânia Pinheiro Ramos / 52. Wilson Freire de Lima / 53. Zília de Aguiar Codeceira.

SÓCIOS CORRESPONDENTES

1. Almira Vinhaes Dantas (Bahia) / 2. José Roberto de Souza Baratella (São Paulo) / 3. Milton Hênio Neto de Gouveia (Alagoas) / 4. Ney Marques Fonseca (Rio Grande do Norte) / 5. William Eduardo Nogueira Soares (Sergipe)



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

Fundação: 25 de Agosto de 1946

Publicação do Instituto Pernambucano de Historia da Medicina,
circulação bimestral, distribuição por e-mails e mídias sociais.

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente as posições da Diretoria do IPHM ou da Comissão de Divulgação & comunicação.

Organização geral:
Renato Dornelas Câmara Neto

Projeto gráfico, diagramação e ilustração:
Bernardo Sabat

Comissão de Divulgação & Comunicação:

**Antônio Peregrino, Bernardo Sabat, Eduardo Paixão,
Filipe Prohaska, Marcelo Valença e Márcio Allain**

OPINIÕES, ARTIGOS E SUGESTÕES SÃO BEM VINDOS

Coleção completa com os 34 números anteriores do Boletim disponível em:
www.jornalmemorialdamedicina.com

Conecte-se Conosco



Instituto Pernambucano de
Historia da Medicina



iphmedicina@gmail.com